

NOTAS SOBRE LIVROS/ BOOKNOTES

■ BASÍLIO, Margarida (org.) 1999. *Palavra*. Departamento de Letras da PUC – Rio

O livro é composto por uma Introdução e mais quatro partes. Na Introdução, Basílio trata da questão da definição e estatuto da palavra desde a definição distribucionalista de Bloomfield (1962), passando pelas abordagens gerativistas, tocando na sua definição como átomo sintático (Di Sciullo & Williams (1987) até a Hipótese Forte (Chomsky 1995, 1998), que estabelece que a sintaxe é cega para a estrutura interna das palavras. Mostra que a dificuldade de uma definição universal de palavra se coloca em dois níveis.

Na Parte I, Everett sumariza um levantamento dos processos morfológicos em Wari', língua da família Txapacura/Chapacura, examinando um processo de verbalização, em que frases inteiras são transformadas em verbos. No segundo artigo desta parte, Lobato examina os processos de formação dos referidos participios, apontando diferenças e semelhanças, questões que uma teoria lingüística explicativa deve responder e sugere que sejam abordadas numa perspectiva que incorpore o conceito de traços formais.

Alves inicia a Parte II focalizando as formações sintagmáticas, que constituem o processo mais produtivo para a formação de novas unidades, em corpus de divulgação da área de economia, tratando dos limites entre sintagma livre e sintagma lexicalizado. Biderman mostra que a definição de palavra deve ser feita de língua a língua. É discutida a problemática da segmentação do discurso em unidades léxicas e a terminologia adequada a uma ciência lexicológica. O artigo de Neves trata do estatuto das construções com verbo-suporte, o qual é contrastado com o de certas construções de formação análoga, com vista especial para a lexicografia.

A Parte III conta com a contribuição de Gonçalves et al, que examina o potencial de produtividade do sufixo *-eiro*, propondo regras de formação de palavras e regras de análise de estrutura que dêem conta do processo de formação de agentivos e locativos. A seguir, Perini discute a questão homonímia/polissemia na delimitação dos itens léxicos, confrontando-a com as posições de Katz (1963) e Weinreich (1966), e analisa diferentes problemas envolvidos na tensão unidade/diversidade na determinação de itens léxicos.

A última parte apresenta quatro trabalhos: Duarte identifica dois macrocritérios no estudo do prefixóide: de natureza extralingüística e de natureza lingüística, e apresenta a proposta de que o traço mais evidente para o seu reconhecimento seja o do emprego braquissêmico; Cunha apresenta as principais propostas de modelos lançadas pela teoria psicolingüística referentes ao acesso lexical a formas derivadas e às representações dessas formas no léxico mental, seguida de uma avaliação com relação à eficiência do falante no acesso ao léxico mental; Figueira focaliza a aquisição dos verbos de ação, mostrando que muitos dos “erros” na fala da criança são resultado de processo de construção de subsistemas; encerrando o livro, Rosa parte da hipótese de Spencer (1991) de que a morfologização não está completa em português, funcionando a marca de futuro como um clítico.

Por/By: Sumiko Nishitani Ikeda
(*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: sumiko@uol.com.br*)

BECHARA, E. 2001. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna ISBN: 85-86930-16- 4. xi + 715 p. Acompanhada do Encarte Resposta aos exercícios (27p.)

Qual tem sido a influência da Lingüística nas criações pedagógicas brasileiras destinadas a usuários/aprendizes de português como língua materna? Esta pergunta-chave pode ser respondida de várias maneiras, segundo a perspectiva adotada. Assim, preferimos dizer que há uma dupla influência: 1. descritiva e 2. conceitual-terminológica. Mais especificamente, o quê, da Lingüística, pode ser encontrado nesta contribuição do mais erudito gramático brasileiro contemporâneo? As limitações de espaço só permitem dar poucos exemplos; pós-graduandos em Lingüística Aplicada poderiam complementar a exemplificação, analisando-a em profundidade, com um espírito conciliador (uma gramática escolar tem um objetivo bem distinto do de uma gramática científica; a rigor, cada qual só pode ser avaliada à luz das respectivas tradições. (Cf. o apelo sensato do lingüista britânico David Crystal, pelo reconhecimento da importância dos enfoques descritivo e prescritivo, em sua magistral *The Cambridge Encyclopedia of Language*, 1997, 2nd. ed., p.3). Para exemplos de Checklists avaliativas sistemáticas, veja-se, de nossa autoria e de Nelly Carvalho, *Como avaliar um livro didático – Língua Portuguesa*. São Paulo: Pioneira, 1984).

Influência descritiva:

Manifestada através da adoção de comentários descritivos de autoria de J. Mattoso Câmara Jr. (80, 209. 210, 497) e de J. Gonçalo Herculano de Carvalho (81, 136). Seria instrutivo, ao verificar-se o grau de influência descritiva da Lingüística, examinar-se os questionamentos de Bechara sobre interpretações prescritivas de outros gramáticos (Cf. 116, 451). Como o gramático pernambucano-carioca (radicou-se no Rio ainda jovem) exerce seu senso crítico face a julgamentos de uso lingüísticos? Tal indagação poderia ser objeto de pesquisa mais ampla, na qual fossem incluídas outras gramáticas escolares.

Influência conceitual-terminológica:

Denominações propostas por Coseriu: língua exemplar(14) e lexemática (542). Aqui, caberia enumerar os conceitos-termos-chave de Lingüística incluídos na GELP, dentre os quais: estruturas paradigmáticas (543), sintagmáticas (546), fonema (555), morfema(494), discurso (542), coesão textual (696). Registre-se a ocorrência de vários itens lexicais muito freqüentes em obras de Lingüística: lingüista (12, 542), competência lingüística (14), sistema lingüístico (14), comunidade lingüística (506), Lingüística do (sic) texto (353)/ Lingüística Textual (696-697), variedade regional/social/de estilo (14).

Terminólogos encontrarão muito a pesquisar no volume que, fiel à Tradição Gramatical, opta por “nomenclatura” (296, 506), em vez de “terminologia” e por “emprego” (cf. seção Emprego dos Pronomes, 142, 171), em vez de “uso”. Sociolingüistas poderão analisar o uso de “culto” (cf. p.604 “... pronúncias cultas da língua”), a diversidade de rótulos de uso (língua exemplar, p.13; linguagem coloquial, p.170; norma exemplar, p. 280; linguagem informal, p.282; língua padrão, p.150) e o conceito de “erro gramatical” (668). Que a mini-amostra acima desperte o interesse de colegas atuais, emergentes e futuros, interessados em identificar quem (dentre os lingüistas) e o quê (da Lingüística) podem ter influenciado – como, onde, quando, e até que ponto – obras como esta, fruto de uma expressiva Tradição de Estudos Gramaticais que nem sempre é percebida e tratada com dignidade. Lembráramos que o conceito-termo Gramática apareceu, em língua escrita, entre 1325 e 1375, enquanto Lingüística só começa a ser registrada a partir de 1850.

Em suma, louvamos o esforço de Bechara em ajudar usuários que buscam a exemplaridade lingüística adequada e eficaz nos usos de Português. Que lingüistas descritivos brasileiros também aceitem o desafio de produzirem gramáticas pedagógicas, para usuários nativos e não-nativos (um exemplo recente desta segunda alternativa: a publicação de uma gramática de Português – em língua inglesa – por Mário Perini: *Modern Portuguese. A Reference Grammar*. Yale University Press, 2002.).

Por/By: Francisco Gomes de Matos
(Universidade Federal de Pernambuco, Recife. E-mail: fgm@cashnet.com.br)

CRYSTAL, David. 2001. *Language and the Internet*. Cambridge University Press, ix + 272 p.

Como estudar as relações entre a linguagem e a Internet? Que tipo de influência a Internet pode estar exercendo nos usuários de línguas? Qual o impacto causado pela gigantesca rede mundial de computadores na comunicação eletrônica interpessoal e intergrupal? Que tipo de recurso/meio lingüístico é a Internet? O que a lingüística pode esclarecer sobre a linguagem da Internet, ou Internetês? Quais algumas das características distintivas do e-mail, do bate-papo eletrônico? Que se pode antever, no desenvolvimento da Internet, sob o ponto de vista lingüístico? Essas e outras indagações subjazem ao livro muito oportuno, bem redigido (seria redundante caracterizar o estilo do autor como “cristalino”), bastante ponderado e acima de tudo inspirador, do mais prolífico e versátil lingüista contemporâneo: David Crystal.

Este volume, de formato gráfico semelhante ao de seu livro *Language Death* (CUP, 2000), contém um Prefácio (3 p.), 8 capítulos (com extensão de 19 a 42 páginas), Referências (10 p.), Índice de Autores (3 p.) e Índice de Assuntos (16 p.).

No Prefácio, Crystal destaca o lugar primacial da linguagem na Internet e conjectura que, se esta é uma revolução, é bem possível tratar-se de uma revolução lingüística (p.viii). Os títulos dos capítulos dão uma idéia da caminhada a ser feita pelo leitor: *A linguistic perspective; The médium of Netspeak; Finding an identity; The language of e-mail; The language of chat groups; The language of virtual worlds; The language of the Web; The linguistic future of the Internet*.

As Referências bibliográficas estão em inglês, exceto uma, em francês.

Várias obras recentes, relevantes para uma iniciação interdisciplinar à problemática focalizada, estão incluídas, por exemplo: Patrícia Wallace, *The Psychology of the Internet* (CUP, 1999). Os sites fornecidos foram atualizados até a data da impressão do volume: fevereiro de 2001; *Global Literacies and the World-Wide Web*, organizado por Gail E. Hawisher e Cynthia I. Selfe (London: Routledge, 2000). Ali, encontramos um magistral capi-

tulo sobre práticas de letramento (ou “literacia”, para usar a variante adotada em Portugal) no e-mail, por japoneses e americanos e a coletânea *Network-Based Language Teaching: Concepts and Practice*, organizada por M. Warschauer e R. Kern (CUP, 2000).

Aos que atuam em Lingüística Aplicada, o livro oferece uma agradável surpresa conceitual-terminológica: uma seção dedicada à *Applied Internet Linguistics* (231-237). Registre-se que a expressão Internet Linguistics ocorre também no primeiro capítulo (páginas 6 e 9) e louve-se o “recado estratégico” dado pelo notável lingüista britânico a pesquisadores atuais/emergentes/ futuros de que este volume é exploratório, programático, transicional ..., podendo inspirar muitíssimas dissertações/teses, por exemplo, sobre a aquisição da Linguagem da Internet por adultos e crianças (p. 241).

Em suma, uma significativa contribuição pioneira sobre alguns dos aspectos da fascinante, multifacetada linguagem da Internet, por um de seus mais notáveis usuários-pesquisadores.

Por/By: Francisco Gomes de Matos
(*Departamento de Letras, CAC, UFPE, Recife. E-mail: fgm@cashnet.com.br*)

PAGANO, Adriana (org.) 2001. *Metodologias de Pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: FALE – UFMG. 172p.

Adriana Pagano reúne em *Metodologias de Pesquisa em Tradução*, algumas das metodologias de pesquisa em pauta nos Estudos da Tradução no momento atual. Como bem salientado pela própria organizadora na apresentação, o livro reflete o caráter pluralista de abordagens teóricas e metodológicas que os autores nele reunidos apresentam. “Seus objetos, perspectivas e estilos diversos apontam para a multiplicidade de formas de se falar sobre a tradução tendo-se em vista que todo objeto de estudo propõe métodos para sua análise, assim como toda metodologia revela novos aspectos sobre o objeto focado”.

Os três primeiros artigos do livro apresentam algumas das opções metodológicas que têm aberto novos horizontes para o estudo do processo tradutório: *Protocolos verbais* são o foco da pesquisa de José Luiz Vila Real Gonçalves, “uma antiga técnica de introspecção aprimorada a partir de sua aplicação no registro do processo tradutório e em interação com outros recursos tecnológicos como o vídeo e o monitor de TV”.

Medidas em tempo real para estudos experimentais em tradução: explorando o programa Translog, trabalho de Rui Rothe-Neves, enfoca uma técnica nova da computação, o software *Translog*, verdadeiro “carbono” da produção textual à medida que se vai processando o texto de partida e dando gestação à tradução.

No terceiro artigo, *A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução*, Fábio Alves apresenta e analisa seis tópicos principais enquanto instrumentos de coleta e análise de dados, utilizados pelo meio acadêmico em vários países: “os protocolos verbais, a retrospectiva, os questionários e entrevistas dirigidas, o uso de câmaras de vídeo, o julgamento e avaliação feitos por especialistas e a utilização de softwares que colocam à disposição do pesquisador dados *on line* sobre o trabalho de tradutores que utilizam computadores para realizar suas traduções”. Alves propõe a opção metodológica de triangulação: o uso conjunto de métodos quantitativos e qualitativos para a investigação de fenômenos

tradutórios. Ele afirma que dados coletados e interpretados através de cruzamentos de resultados obtidos por métodos diferentes aumentam as chances de sucesso do pesquisador em sua tentativa de observação, compreensão e explicação de um determinado fenômeno.

Célia M. Magalhães abre novos caminhos de reflexão sobre a tradução, com o trabalho sobre *As pesquisas textuais/discursivas: o uso de Corpora*, dado seu caráter bivalente de metodologia de pesquisa e abordagem teórica.

No capítulo 5, em *As pesquisas historiográficas em tradução*, a organizadora do livro situa o estudo da tradução no Brasil sob uma perspectiva comparada com a tradução num outro país latino-americano, a Argentina, correlacionando a tarefa tradutória ao contexto político e social, observando ainda seu caráter interdisciplinar.

O livro é concluído com o trabalho de Carlos A. Gohn, *Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados*, em que são tratadas questões ligadas à funcionalidade, intencionalidade e conceitualização na tradução de textos sagrados e considerados “sensíveis”: sensibilidade esta que não está no texto, mas na forma como o texto é visto.

Regado com inúmeros exemplos ilustrativos, e organizado em blocos distintos relacionados entre si numa busca única, é um livro que revela a indissociabilidade entre objeto e metodologia e aponta para novas evidências que aos pesquisadores em tradução compete a investigação.

Por/By: Miriam Bacha Miranda Barbosa
(GR- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

MICHELETTI, Guaraciaba (org.) 1999. *Leitura e Construção do Real – O Lugar da Poesia e da Ficção*. São Paulo - Cortez Editora. ISBN 85-249-727-4. 128 p.

A existência deste livro é justificada, pela constatação, a partir de diagnóstico em escolas, de que o ensino da língua e da literatura se apresenta de forma inteiramente desconectada, reduzindo-se a decorar regras gramaticais e a traçar panoramas de tendências e de escolas literárias, de modo esquemático e separado do trabalho analítico e interpretativo.

Assim sendo, pretende-se aparelhar os professores na exploração didática de diferentes tipos de textos, fornecendo-lhes conceitos e práticas para sua abordagem, segundo uma concepção de leitura como construção do texto e do real, porém, ao mesmo tempo, respeitando a especificidade de seu gênero e de suas características próprias.

Desta forma, a parte prática da obra estabelece critérios gerais para a leitura em sala de aula, segundo os quais, devem-se buscar em cada texto, e não fora deles, as estratégias lingüísticas com que devemos abordá-los. No entanto, este é apenas o ponto de partida para o trabalho, já que ler é muito mais do que decodificar sinais, letras, palavras e estruturas, consistindo no “fazer a leitura do mundo”, fazer a reconstrução do texto e colocar em ação as experiências que se possui. Enfim, é um ato de interação e um vôo do cotidiano da sala de aula para fora dela.

Partindo-se desse entendimento, houve a divisão do livro em dois títulos maiores, destinados, respectivamente, a abarcar o estudo de textos poéticos e textos narrativos.

Na primeira dessas duas partes, faz-se a desconstrução e reconstrução de dois poemas: “Eu, etiqueta”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Ritmo”, de Mário Quintana. Neles, ao se trabalhar a materialidade dos textos, a partir dos diversos aspectos que os compõem: lingüísticos, fonológicos ou sonoros, morfossintáticos e semânticos, busca-se a interpretação viva dos sentidos, num diálogo contínuo com os alunos, daí resultando a possibilidade de várias leituras e o pensar sobre a língua, em sua carga expressiva.

Já a segunda parte focaliza a leitura da narração em sala de aula e, como na leitura do texto poético, não há receitas. Cada texto nos dá a sua chave para a interpretação, porém a meta é sempre formar leitores críticos, o que se constrói através de caminhos diferentes dos clássicos roteiros de leituras e questionários estereotipados que, via de regra, acompanham os livros didáticos.

Para a análise, foram selecionados os contos: “Apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, de Antônio Alcântara Machado, e “As borboletas copulam no vô”, de Jorge Miguel Marinho, estudados num diálogo, respectivamente, com uma notícia de jornal e um poema (“Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade), que tratam, de formas diferentes, dos assuntos neles abordados. O ponto de partida é sempre uma leitura baseada no texto, para em seguida, com os alunos, se fazer uma observação dos elementos estruturais próprios do gênero e, num momento posterior, o enfoque intertextual.

Desta forma, o livro cumpre seu papel de exemplificar um trabalho analítico e uma leitura ativa, que, ancorada nos elementos lingüísticos dos textos, abre-se a uma variedade de enfoques e a uma multiplicidade de sentidos.

Por/By: Nanci Maria Stephano de Queiroz
(*LAEL/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*)